



ORIENTE MÉDIO

Um basta pelos reféns

Protesto mobiliza mais de 350 mil israelenses em Tel Aviv para exigir a libertação imediata dos 50 sequestrados em poder do Hamas e o fim da guerra na Faixa de Gaza. Familiares de civis que ficaram mantidos no cativeiro falam ao **Correio**

» RODRIGO CRAVEIRO

Mais de 350 mil israelenses saíram às ruas de Tel Aviv para exigir do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu a libertação imediata dos 50 civis sequestrados pelo movimento fundamentalista islâmico Hamas e mantidos no cativeiro, na Faixa de Gaza, há 690 dias. Além da pressão interna crescente, o governo israelense também enfrenta a condenação da comunidade internacional por um duplo disparo de tanques contra o hospital Nasser, o único em funcionamento em Gaza, na cidade de Khan Yunis (sul). O ataque, na manhã de segunda-feira, deixou 20 mortos, incluindo cinco jornalistas colaboradores de agências como Reuters e Associated Press e da emissora Al-Jazeera, do Catar. Depois de uma investigação inicial, as Forças de Defesa de Israel (IDF) anunciaram que seis terroristas do Hamas morreram na ação.

Morada do kibbutz Nir Oz — onde 40 dos 420 habitantes foram mortos pelo Hamas em 7 de outubro de 2023 e 77 acabaram sequestrados —, Irit Lahav afirmou ao **Correio** que “parar a guerra e libertar todos os reféns é a coisa certa a fazer agora”. “O governo deve escutar nossas preocupações sobre nossos entes queridos, que estão colocados pelos palestinos para morrerem de fome. Cada dia que o governo atrasa a resposta ao acordo apresentado pelo Hamas é um dia a mais de perigo para os sequestrados, levados brutalmente de suas casas, ainda de pijamas. Preferimos a vida à guerra”, desabafou.

Lahav ressaltou que o Hamas impede que voluntários do Comitê Internacional da Cruz Vermelha e do Médicos sem Fronteiras tenham acesso aos sequestrados. “Isso é tortura”, assegurou a israelense que escapou da morte após se esconder, com a filha de 22 anos, no quarto seguro de sua casa, em 7 de outubro de 2023. Enquanto os terroristas do Hamas executavam e sequestravam civis, Irit e a filha recebiam as notícias por meio de um sistema de mensagens do kibbutz. Conseguiram sobreviver depois de bloquear a porta com um remo e um aspirador de pó.

John Wessels/AFP



Manifestantes exibem bandeiras e cartazes com as fotos dos sequestrados, durante ato que mobilizou centenas de milhares de pessoas

O roteirista Hen Avigdor, 55, teve três familiares executados no kibbutz de Beerli. Outros sete foram sequestrados, incluindo a mulher e a filha, libertadas depois de 48 dias. Ele decidiu sair às ruas de Tel Aviv e cobrar a libertação dos reféns. “Semana após semana, centenas de milhares de pessoas têm protestado e provado ao mundo que há conflitos entre as decisões e ambições do governo e a população de Israel”, disse à reportagem, por telefone. “Entre 75% e 80% dos israelenses apoiam a libertação dos reféns e o fim da guerra. Isso está tão claro quanto o sol. Temos mostrado aos nossos líderes a maneira de fechar um acordo. Espero que, pelo menos dessa vez, o governo escute o povo e traga todos de volta para casa, pois estão morrendo lá.”

Gil Dickman, 33, estudante de psicologia e morador de Tel Aviv, também sofreu na pele o horror de 7 de outubro: quatro familiares foram capturados pelo Hamas; dois

foram executados e dois, libertados. “Os protestos indicam que os israelenses estão fartos da guerra. Netanyahu quer prosseguir com o conflito por motivos políticos, mas queremos que isso pare. O plano de ocupar a Cidade de Gaza provavelmente significará a morte de mais reféns”, criticou. “Isso aconteceu com a minha prima Carmel Gat, assassinada depois de 328 dias, quando as IDF entraram em Rafah.”

Hospital

As IDF informaram, ontem, que o ataque contra o hospital Nasser tinha como alvo uma câmera do Hamas. Segundo o exército, a “investigação inicial” concluiu que “os soldados identificaram o equipamento colocado pelo Hamas na área do hospital Nasser, utilizada para observar a atividade das tropas (israelenses) a fim de dirigir atividades terroristas contra elas”. O comunicado das IDF acrescenta

que “seis das pessoas mortas eram terroristas” e uma delas “participou” do ataque de 7 de outubro.

Para Anthony Bellanger, secretário-geral da Federação Internacional de Jornalistas (IFJ), pela sigla em inglês, o duplo ataque ao hospital Nasser foi uma tentativa de alvejar a imprensa. “Israel alegou ter matado jornalistas deliberadamente durante a guerra. Nós havíamos apresentado queixas ao Tribunal Penal Internacional sobre o ataque deliberado contra nossos colegas, mesmo antes do conflito”, afirmou ao **Correio**, por e-mail. “Não pode haver impunidade pelo assassinato de jornalistas. Silêncio e inação tornam o mundo cúmplice. Governos e instituições internacionais devem falar em uníssono para deixar claro que esses ataques israelenses a jornalistas são crimes de guerra e não serão enfrentados impunemente.”

Bellanger cobrou uma resposta imediata da comunidade

internacional, por meio de sanções, ações judiciais e pressão diplomática para forçar Israel a parar de matar jornalistas. “Cada um dos ataques contra nossos colegas deve ser devida e independentemente investigado, e os responsáveis, levados à Justiça. Os governos devem insistir que a imprensa estrangeira tenha permissão para atuar no enclave palestino”, afirmou o secretário-geral da IFJ.

Thibaut Bruttin, diretor global da ONG Repórteres sem Fronteiras, crê que o bombardeio ao hospital Nasser foi “uma clara tentativa de alvejar jornalistas que apenas faziam seu trabalho”. “O terceiro andar do prédio era conhecido como um refúgio para jornalistas. O fato de ter havido um segundo ataque em minutos é uma assinatura do alvo do bombardeio. Trata-se de uma guerra contra o Hamas, mas também contra jornalistas”, declarou ao **Correio**, por telefone, de Paris.

Eu acho...



“Há uma diferença entre reter todos os reféns e derrotar o Hamas. A exigência de libertação de todos os sequestrados é algo muito fácil de ser checado. Quando o refém de número 50 cruzar a fronteira de Gaza com Israel, a nossa missão terá sido cumprida. Há muita coisa falsa sobre derrotar o Hamas. Nunca saberemos se eles foram eliminados. O Hamas é uma ideia. Você não pode derrotar ideias.”

Hen Avigdor, 55 anos, roteirista. Teve três familiares assassinados no kibbutz de Beerli; a esposa e a filha foram sequestradas por 48 dias



“Saímos às ruas para dizer ao mundo que esta é a guerra de Netanyahu, não dos israelenses. Queremos que essa guerra acabe. A paciência do povo está definitivamente acabando. Estamos fartos das mentiras de Netanyahu. Essa guerra deveria ter terminado há muito tempo. Minha prima estaria viva agora, mas é muito tarde para ela. Não é tão tarde para 50 reféns ainda no cativeiro. No entanto, eles estão mais debilitados do que antes.”

Gil Dickman, 33, estudante de psicologia e morador de Tel Aviv. Quatro familiares foram capturados pelo Hamas; dois deles acabaram executados



“É óbvio que o governo de Netanyahu não faz o bastante para tentar conter o assassinato de jornalistas por parte de suas forças militares. Por isso, exortamos os governos que ficaram chocados com esse ataque a apoiarem a reunião de emergência do Conselho de Segurança da ONU. Temos visto declarações da França, do Reino Unido e da China, que expressaram horror. Há razões para acreditar que o momento político favorece essa reunião, no sentido de proteger os jornalistas em Gaza.”

Thibaut Bruttin, diretor global da organização Repórteres sem Fronteiras

VENEZUELA

Maduro mobiliza Marinha ante frota militar dos EUA

Depois de uma frota de três destróieres dos Estados Unidos retornar a missão rumo ao Mar do Caribe, após recuo ante a chegada de um furacão, a Venezuela mobilizou drones e navios para o patrulhamento de suas águas territoriais. Na segunda-feira, as autoridades venezuelanas haviam anunciado o destacamento de 15 mil soldados para a fronteira com a Colômbia, também para operações antidrogas. O regime de Nicolás Maduro classifica as manobras militares americanas como uma “escalada de ações hostis”.

O governo de Donald Trump sustenta que executará operações contra o narcotráfico internacional, sem mencionar em nenhum momento a possibilidade de invadir a Venezuela. Mas a mobilização dos destróieres lança-mísseis e de 4 mil fuzileiros navais, aos quais se somam outros dois navios, coincide com o aumento da recompensa para US\$ 50 milhões (R\$ 270 milhões) pela captura de Maduro e a declaração como organização terrorista do chamado Cartel de los Soles, uma suposta narcoquadrilha que seria chefiada pelo presidente venezuelano. Não

há informações claras sobre para onde ou quando a frota americana chegará ao Caribe Sul.

O ministro da Defesa da Venezuela, Vladimir Padrino, anunciou em um vídeo nas redes sociais um “importante desdobramento de ‘importante desdobramento de ‘importantes desdobramentos’ e ‘percursos fluviais com infantaria da Marinha’ no noroeste do país. ‘Patrulhas navais no lago de Maracaibo, patrulhas navais no Golfo da Venezuela e navios de maior porte mais ao norte em nossas águas territoriais’, acrescentou.

Ansiedade

Maduro abriu o alistamento da Milícia Bolivariana, um corpo vinculado às Forças Armadas que integra civis e que seus críticos afirmam ter uma forte carga ideológica. Segundo o presidente, a Venezuela conta com cerca de 4,5 milhões de reservistas para enfrentar qualquer ameaça, número que especialistas contestam. Uma possível invasão americana é um tema que surge nas ruas da Venezuela, entre piadas e preocupação,

Juan Barreto/AFP



Policiais se inscrevem para fazer parte das milícias civis, durante alistamento nacional, no sábado

entre incrédulos e alguns opositores esperançosos.

No entanto, analistas veem distante o cenário de uma operação direta contra a Venezuela.

“Acho que o que estamos vendo representa uma tentativa de criar ansiedade nas esferas do governo e obrigar Maduro a negociar algo”, explicou à agência

France-Presse (AFP) o analista Phil Gunson, do Crisis Group.

Caracas exigiu, nas Nações Unidas, “o cessar imediato do deslocamento militar americano

no Caribe”, segundo um comunicado. O chanceler Yván Gil pediu o “apoio” do secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, para “restabelecer o bom senso”. Trump impulsionou em seu primeiro governo (2017-2021) uma política de máxima pressão contra Maduro, com uma bateria de sanções que incluiu um embargo ao petróleo, ainda vigente. Em seu segundo governo, no entanto, iniciou contatos precoces com o chavismo para coordenar a deportação de venezuelanos sem documentos nos Estados Unidos.

De fato, os aviões com deportados não pararam de chegar à Venezuela em meio à tensão. O mesmo ocorreu com o petróleo. Após ordenar a suspensão das operações da gigante Chevron, Trump autorizou a renovação de uma licença especial que contorna o embargo.

“Todos os dias ficamos atentos a um navio, e a verdade é que os navios que estão saindo são de petróleo, alguns deles saíram da Chevron para os Estados Unidos”, destacou na segunda-feira a vice-presidente e ministra de Hidrocarbonetos, Delcy Rodríguez.